



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA**

JULIETE CRISTINA LOBO RODRIGUES

“ONDE É O SOM DA MÚSICA?”

O Aprender além das notas musicais pelos olhos de uma criança.

**SANTARÉM - PA
2022**

JULIETE CRISTINA LOBO RODRIGUES

“ONDE É O SOM DA MÚSICA?”:

O Aprender além das notas musicais pelos olhos de uma criança.

Trabalho apresentado para o Programa de Antropologia da Universidade Federal do Oeste do Pará, como requisito para obtenção da conclusão do curso de Antropologia.
Orientadora: Professora Dra. Lucybeth Camargo de Arruda.

**SANTARÉM - PA
2022**

JULIETE CRISTINA LOBO RODRIGUES

**ONDE É O SOM DA MÚSICA? O APRENDER ALÉM DAS NOTAS MUSICAIS
PELOS OLHOS DE UMA CRIANÇA**

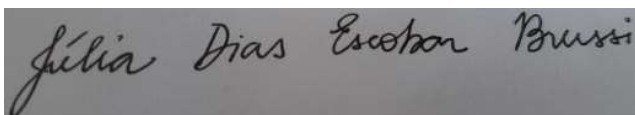
Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Antropologia com objetivo de obter aprovação na disciplina TCC e obtenção de grau de Bacharelado em Antropologia na Universidade Federal do Oeste do Pará.

Nota: 10,0

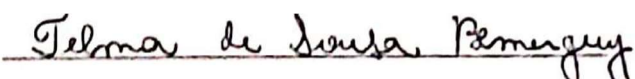
Data de Aprovação 17/ 02/2022



PRESIDENTE: Prof^a Dra. Lucybeth Camargo de Arruda
Universidade Federal do Oeste do Pará



AVALIADORA Prof^a. Dra. Júlia Dias Escobar Brussi
Universidade Federal do Oeste do Pará



AVALIADORA: Mestre e doutoranda Telma de Sousa Bemerguy
Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional

AGRADECIMENTOS

A realização dessa pesquisa trilhou por momentos que contaram com apoio de amigos, família, comprometimento, solidariedade e principalmente muito amor pela música. Foi uma experiência e tanto, foram dias desgastantes e, também proveitosos, foram choros misturados com risos, mas que transformaram o final da minha graduação mais intensa. Agradeço a todos que estiveram comigo durante esse período tão importante da minha vida. A minha prima Roseandra Maria por me proporcionar minha viagem até Brasília, só eu sei o quanto esse momento me incentivou ainda mais a minha pesquisa. Mana gratidão sempre.

A Deus por ser meu porto seguro em todos os momentos que eu pensei em desistir em meio as crises de pânico e ansiedade vivenciadas pela perda materna, pelos abalos de dependência química que passeava pelo meu lar, ele me manteve de pé e me fortaleceu ainda mais para continuar.

A minha primeira orientadora Helena Schiel que mais do que orientadora foi minha amiga e confidente, abraçou comigo o gosto pela música e me manteve firme na pesquisa, me introduziu no mundo antropológico das crianças. Através dela conheci Clarice Cohn, aquela cujo foi meu primeiro contato com a Antropologia da Criança em seu livro sobre as crianças indígenas xikrin no qual ativou minha curiosidade quanto esse mundo infantil.

Ao grupo de trabalhos com crianças criado por antropólogos pesquisadores durante o congresso de antropologia realizado em Brasília em 2019, pelo incentivo em continuar a pesquisa, pois estive realizando uma introdução junto ao grupo o que seria a intenção da pesquisa embora ela tenha se direcionada a outras perspectivas do aprender musical.

Ao Instituto CR em nome da Professora Luanda e a Escola de Artes Emir Bemerguy pela professora Monique e Bianca, que me permitiram está nesse espaço e acompanhar as aulas.

A professora Pamela da Escola Tio Patinhas pela oportunidade de assistir e participar das aulas dentro das salas de aulas com as crianças e me proporcionar a perceber o quanto os professores de música são

A professora Katrine da Escola de música Levitas por disponibilizar seus alunos para fazerem parte da pesquisa e me proporcionar entender o quanto o uso de metodologias é parte fundamental para que o ambiente se torne atrativo para a criança

continuar a frequentar as aulas.

Meu maior agradecimento vai para todas as crianças que eu pude ter oportunidade de conviver todo período da minha pesquisa e que veio delas o título do meu trabalho final. Espero que tenha ajudado vocês para atraírem novos horizontes no ramo das pesquisas.

Meu agradecimento a minha orientadora Lucybeth Arruda que foi paciente aos meus deslizes e paranoias de não cumprimento de prazos, mas que foi fundamental para que eu chegasse até o final.

A música é ruído pensante

“Victor Hugo”

RESUMO

Este trabalho tem como o intuito analisar as formas como o ensino da música está sendo implantado nas escolas de musicalização infantil da cidade de Santarém- PA, tomando como base a Lei nº 11769 de 2008, em que determina o ensino da arte a partir do contexto sociocultural em que o aluno esteja inserido. A realização de coleta de dados foi dada pela observação participante dentro das escolas e através de conversas não estruturada com as crianças, pais e professores. O embasamento teórico-metodológico foi feito com alguns autores da antropologia, sociologia e da pedagogia. A pesquisa teve como objetivo, identificar a música como um importante elemento mediador para o desenvolvimento disciplinar e apropriação do corpo das crianças dentro das Escolas de musicalização infantil na cidade de Santarém – PA dentro do campo antropológico. Procuramos explicar aqui algumas problemáticas a respeito da educação musical no contexto atual onde constatou-se que as crianças estão sendo moldadas e disciplinadas a partir do aprender musical de acordo com as perspectivas de corpo conforme concepções de ensino-aprendizagem dos professores e das escolas, ignorando suas vivências fora desse espaço escolar. Dentro das escolas profissionalizantes o conhecimento musical acaba por priorizar o conhecimento através das notas musicais em prol da “música boa”, concebendo essa aprendizagem musical com o sinônimo de cidadão de bem. A pesquisa mostra ainda a necessidade de outros estudos que coloquem a criança como sujeito de e da ação.

Palavras-chaves: Criança. Educação Musical. Antropologia. Santarém-PA.

ABSTRACT

This work aims to analyze the ways in which the teaching of music is being implemented in the schools of children's musicalization in the city of Santarém- PA, based on Law No. 11769 of 2008, in which it determines the teaching of art from the sociocultural context in which the student is inserted. Data collection was given by participant observation within schools and through unstructured conversations with children, parents and teachers. The theoretical- methodological basis was done with some authors of anthropology, sociology and pedagogy. The research aimed to identify music as an important mediating element for the disciplinary development and appropriation of children's bodies within the Children's Musicization Schools in the city of Santarém - PA within the anthropological field. We try to explain here some problems about music education in the current context where it was found that children are being molded and disciplined from musical learning according to the perspectives of the body according to the teaching-learning conceptions of teachers and schools, ignoring their experiences outside this school space. Within vocational schools, musical knowledge ends up prioritizing knowledge through musical notes in favor of "good music", conceiving this musical learning with the synonym of good citizen. The research also shows the need for other studies that place the child as subject to and from action.

Keywords: Child. Music Education. Anthropology. Santarém-PA.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Professora com alunos entoando o hino nacional brasileiro	23
Figura 2 Alunos da escola Centro de Artes da Amazônia tocando instrumentos.....	28
Figura 3 Alunos da escola Centro de Artes da Amazônia, tocando tambor	29
Figura 4 Alunos da escola Centro de Artes d Amazônia tocando pandeiro	29
Figura 5 imagens sobre música	38
Figura 6 Crianças tocando instrumento musical.....	39
Figura 7 Crianças interagindo	41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A INSERÇÃO EM CAMPO: ESCOLHAS E POSSIBILIDADES	15
2.1 Escola Tio Patinhas.....	15
2.2 Instituto CR.....	17
2.3 Levittas.....	18
2.4 Escola de Artes Professor Emir Hermes BermeguyErro! Indicador não definido.	
3 IMPRESSÕES ETNOGRÁFICAS - ENTRE A ESCOLA REGULAR E A PROFISSIONALIZANTE	21
3.1 A realidade do ensino de música na escola regular	21
3.2 O aprender musical nas escolas de música profissionalizante	26
3.3 O ensino de musicalização infantil na instituição pública	30
4 APRENDENDO COM AS CRIANÇAS - AGÊNCIA, CORPOREIDADE E DISCIPLINARIZAÇÃO	31
4.1 Música e corporeidade.....	32
4.2 Moldando os corpos x resistindo aos mandos	33
5 UM OLHAR NA COMUNICAÇÃO ICONOGRÁFICA DAS ESCOLAS	38
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

Quando decidi que queria pesquisar o protagonismo das crianças na perspectiva antropológica e não pedagógica, escolhi o contexto escolar por ser um lugar onde as relações entre elas são muito diversificadas. Então, por que não pensar no ensino da música nas escolas do município de Santarém, haja vista que o município possui um campus da Universidade Estadual do Pará com o curso de graduação em licenciatura em música e pouco se tem visto sobre o uso desses profissionais dentro das escolas municipais. Além de que a cidade de Santarém tem em seus escritos históricos nomes de grandes renomados compositores regionais.

Nos primeiros momentos, minha pesquisa concentrou-se na aplicação da Lei nº 11.769 sancionada em 18 de agosto de 2008 que determina o ensino da música obrigatório na educação básica.

O Ministério da Educação propõe o ensino da música como disciplina específica do ensino de arte ou atividades extracurriculares com o intuito de desenvolver habilidades psicossociais e estimular o patriotismo dentro das escolas, além de promover a interação sociocultural dos alunos. (MEC, 2018)

A lei 11.769, de 18 de agosto de 2008, que trata da alteração sobre a lei supracitada, em princípio, dá a entender que a preocupação com a regulamentação do ensino da música é privilégio dos dias atuais, mas, de acordo com Amato (2006), já em 1854, havia tal preocupação. Conforme a autora, nesse ano, um decreto federal regulamentou o ensino de música no país.

No ano seguinte, outro decreto trata da legalização contratual de professores de música por meio de concurso público, portanto, consideramos satisfatórios os argumentos legais a respeito da prática de educação musical nas escolas nos mais variados níveis, seja educação infantil, fundamental e por que não dizer também ensino médio.

Procurei a Secretaria Municipal de Educação (SEMED) para obter informações sobre um possível número de escolas municipais que tivessem o ensino da música como disciplina e não como atividades externas e ou extracurriculares. Não tive muito êxito com as pesquisas, pois, somente fui direcionada para outro ambiente no qual as aulas são vistas apenas como atividades extras. Não obtendo dados suficientes que precisava, procurei por notícias que pudessem me ajudar de alguma forma com

possíveis tentativas do município em implantar o ensino da música nas escolas públicas municipais. De acordo com o blog de assessoria da secretaria de Esporte e Lazer de Santarém, as tentativas de implantação da lei nº 11.769 se deu com os projetos de fanfarras instalados em três escolas municipais: Ubaldo Corrêa, Princesa Isabel e Maria de Lurdes, ambos em bairros periféricos da cidade de Santarém.

O Projeto Música nas Escolas realizado em 2012 foi o marco de tentar inserir o ensino de música dentro das escolas públicas de Santarém, sistematizando a música nas escolas municipais que possuíam 5º e 6º anos, com o intuito de estruturar as escolas de acordo com a nova proposta pedagógica de ensino que insere a música na grade curricular das escolas de todo país. O ensino era baseado não apenas na ludicidade da iniciação musical, mas também no domínio técnico, prático e teórico da música durante quatro bimestres do ano.

Na escola Municipal de Ensino Fundamental Ubaldo Corrêa, os alunos faziam uma iniciação teórica, para somente depois iniciarem as aulas práticas de canto e instrumentos. Dentro de sala, a aula teórica elucida os alunos para a importância da música para a cidadania, também mostrando que a música não é somente uma associação de sons e palavras, mas sim um rico instrumento que pode fazer a diferença nas instituições de ensino, pois, ela facilita a aprendizagem e a socialização das crianças.

Na escola Municipal de Ensino Fundamental Princesa Isabel o projeto foi implantado durante quatro anos, além dos ensaios, os alunos participantes do projeto também tem em sua grade curricular matérias direcionadas a música, os alunos estudam matérias como teoria musical, história da música e canto e coral. Segundo o coordenador, Corona Soares, os ensaios ocorrem de terça a sexta- feira.

Na escola Municipal de Ensino Fundamental Maria de Lurdes, os alunos ensaiam com os seus instrumentos, todas as segundas-feiras a partir de 17:30h. Há também um ensaio geral e é nesse ensaio que os alunos têm uma noção básica de instrumentalização. No resto da semana os estudantes fazem a musicalização entre si.

Devido à quantidade de informações não terem sido o suficiente para o complemento da pesquisa, busquei junto ao meio digital algo que pudesse me acrescentar mais ao tema e mais uma vez os dados não foram o suficiente, já que o ensino da música dentro das escolas tanto estaduais quanto municipais estava ligado ao uso de bandas durante os desfiles das escolas no dia 7 de setembro e nos

concursos de fanfarras realizados pela prefeitura de Santarém através da secretaria de Esporte e Lazer.

Embora o projeto possibilite aos seus integrantes o aprender musical em partituras, ritmos e sons, a falta de investimentos dos órgãos públicos responsáveis pelo projeto, o acesso aos instrumentos foram se tornando mais difíceis e as escolas acabaram por diminuir o número de integrantes no projeto e atualmente só é possível a realização de bandas de fanfarras somente durante os desfiles do dia 7 de setembro.

Para Carla Delgado Souza, esse acesso à educação musical está ligado ao ensino de Heitor Villa-Lobos através do Canto Orfeônico, no ano de 1930, durante o governo de Getúlio Vargas, onde o nacionalismo e a exaltação do patriotismo foram partes fundamentais para a disciplina do aluno no ambiente escolar e assim formar cidadãos de bons costumes e moral.

Esse modelo de pedagogia musical tinha como objetivo promover a teatralização e a ritualização de vários símbolos nacionais, que estavam na época sendo construídos por meio de projetos pedagógicos-sociais, com o intuito de criar uma comunidade sensível aos ideais patrióticos e à política nacionalista, em voga tanto na Europa do século XIX quanto no Brasil nos anos 1930. (Souza, 2005 e p.41)

Para a autora, uma sociedade onde os seus habitantes tenham orgulho do seu país e dos seus representantes políticos além de ser parte fundamental da formação artística dos indivíduos é também de uma cultura política estética nacional. Sociedade esta em que seus habitantes aprendem dentro das escolas, músicas consideradas de boa melodia e transmitidas para o público em geral sem atropelamentos de suas letras e assim formar crianças com boas condutas morais.

Sobre esse viés no ensino da música através das fanfarras, para além dessa concepção disciplinar de ordem, para a Amazônia tem raízes mais atrás no tempo, bem como para o resto do país, através do contato colonial entre missões jesuítas e os povos indígenas. Segundo Luísa Wittmann

A relação entre religiosidade, poder e música na cultura Tupi foi logo percebida pelos missionários, que na tentativa de conquistar autoridade buscaram trazer para si formas xamânicas de se conectar com o divino. A música era parte constituinte dos rituais religiosos, fossem as cerimônias indígenas, católicas ou já misturadas pelo contato. É interessante notar também que, ao mesmo tempo em que permitia o aprendizado de outra língua, a música não ficou restrita a traduções linguísticas. De fato, a sonoridade ultrapassava a comunicação verbal tanto na audição de instrumentos musicais quanto no movimento das performances gestuais.

Desta forma, a música tornou-se canal essencial da tradução cultural e religiosa entre jesuítas e índios, perpassando toda a história das missões na América Portuguesa. (Wittmann, 2011, pg. 152 e 153).

Vale pontuar esta questão como mais uma forma de pensar o poder da música não apenas como uma forma de comunicação e de amoldamento do corpo e do espírito, mas também em sua potência de agir como tradução cultural e ainda como alteridade no caso de muitas populações indígenas que as têm incorporado em sua constituição de mundo. Os jesuítas entenderam logo a música como ferramenta de imposição e dominação e, segundo a análise de Wittmann, a própria música também agiu na contramão, traduzindo cosmologias e alteridades.

A partir das informações de campo e em diálogo com bibliografias, farei uma análise da forma como as escolas de musicalização infantil realizam essa inserção dentro das suas perspectivas de ensino. No primeiro capítulo vou trazer a minha inserção em campo, como foi a trajetória da escolha do tema e as possibilidades de pesquisa dentro das escolas sendo elas de cunho profissionalizante e regular. Introduzo as quatro escolas que serviram como palco para essa etnografia e o cotidiano das aulas com as crianças que tive a oportunidade de conviver durante todo o período da minha pesquisa.

No segundo capítulo farei uma abordagem de como está sendo realizado o ensino da música nas escolas tanto regular quanto profissionalizante baseando sua performance nas contribuições de Heitor Villa-Lobos e, trago as contribuições de Souza (2005) quanto o uso da música como forma de disciplinar o corpo da criança e manter o padrão patriota através da estética transmitida pelo professor polivalente.

No terceiro capítulo farei uma análise quanto a inserção da criança e a dominação do seu corpo pelas escolas através da música em diálogo com algumas teorias e pesquisas antropológicas, mostrando a importância dele para com o entendimento das relações sociais.

E no quarto e último capítulo, trago a comunicação iconográfica de uma das escolas e suas tentativas de fazer com que o espaço escolar seja atrativo para as crianças e o quanto a música é parte fundamental para o seu desenvolvimento como cidadão.

A pesquisa contou com dias de inserção enquanto estudante de antropologia dentro de um espaço que a priori é direcionado apenas aos profissionais do ramo da educação, através da observação participante e na sequência fiz o exercício de

dialogar com uma base teórica nos campos da antropologia, sociologia e educação trazendo uma breve análise quanto o ensino da música e a sua relação com o papel de bom cidadão estabelecido pelas instituições de ensino musical. Autores como Carla Delgado Souza, Clarice Cohn e Victor Turner foram fundamentais para estabelecer o diálogo antropológico.

Nesta monografia apresento algumas falas e momentos das aulas de musicalização infantil trazidas pelas crianças e pelas professoras transcritas do meu diário de campo, porém, todas estão devidamente autorizadas.

2 A INSERÇÃO EM CAMPO: ESCOLHAS E POSSIBILIDADES

A implantação do ensino de música nas escolas em âmbito nacional só veio a partir da criação da Superintendência de Educação Musical e Artística (SEMA) com o objetivo de realizar e orientar o planejamento e o desenvolvimento do estudo da música nas escolas em todos os níveis, com princípios, disciplinas, civismo e educação artística.

De acordo com o parâmetro curricular nacional é papel da escola incluir informações sobre a arte produzida nos âmbitos regional, nacional e internacional e assim ampliar as possibilidades de participação social e a aproximação cultural artística do aluno.

Mesmo sendo a cidade de Santarém um lugar onde há uma diversidade musical abrangente, o ensino de música nas escolas públicas de educação básica ainda é um ato direcionado ao professor polivalente, aquele cujo é denominado professor de educação artística dentro da sala de aula, o que acaba desvalorizando o profissional de música formado por instituições educacionais de ensino superior ocasionando assim a migração desses profissionais para o ensino particular e até mesmo para projetos sociais onde a educação musical é direcionada ao “resgate”, melhor dizendo, na chave da revitalização social de crianças e adolescentes.

Na busca por essa educação musical dentro das escolas de educação infantil na cidade de Santarém apresento aqui quatro espaços diferenciados onde o ensino da música se dá de formas diferentes sendo elas: Escola de educação infantil Tio Patinhas, Instituto CR, Escola de Música Levittas e Escola de Artes prof. Emir Hermes Bemerguy. De forma breve, descrevo cada uma delas.

2.1 Escola Tio Patinhas

A Escola Tio Patinhas é de cunho particular e o ensino se dá de forma regular abrangendo apenas a educação infantil durante os turnos da manhã e tarde.

Durante as minhas idas em busca de informações junto à secretaria da escola, em relação ao ensino de música como disciplina, que faz parte do *currículum* escolar, fui autorizada pela direção a acompanhar as aulas junto com a professora de música.

As aulas acontecem todas às segundas-feiras no período de 1h em cada sala,

onde a professora elabora suas metodologias de acordo com a faixa etária de cada turma.

No meu primeiro dia na escola fui questionada quanto ao uso de uniforme para identificação de estagiário na sala de aula. Então tive que explicar o porquê da minha presença no espaço e que não estava fazendo estágio e sim observação e acompanhamento das aulas para tentar identificar o protagonismo das crianças junto as aulas de musicalização.

Fui apresentada para a professora responsável e passei a acompanhar suas aulas em todas as turmas do matutino. No período da tarde, fui apenas acompanhar umas aulas que se diferenciavam por serem realizadas com crianças de idades inferiores ao do turno da manhã.

Em seguida, fui apresentada para os alunos pela própria professora de música Pamela no qual em determinada aula uma das crianças me abordou e me perguntou se eu era estagiária ou ajudante da professora. Então tive que dizer que estava só observando seus comportamentos em sala de aula, mesmo a professora já dito anteriormente que eu estava lá para saber quem estava se comportando direito nas aulas.

Sempre chegava horas antes do horário da entrada para observar a chegada das crianças na escola e verificar como eram o entrosamento entre elas e junto aos funcionários da escola.

Nos primeiros dias tentei me enturmar com os alunos e até mesmo com os funcionários da escola, mas, com muito cuidado, pois, era um ambiente um tanto arbitrário, seguido de regras cronometradas por horários que ditavam cada movimento dentro da instituição, tanto pelos funcionários quanto pelos alunos, além do uso de uniformes como forma de identificação no espaço. Pela manhã foi mais difícil de realizar as conversas. Neste horário, a presença da diretora trazia um pouco de desconforto para os interlocutores em manter os diálogos, diferente do público da tarde, em que as crianças eram mais soltas para interagirem e conversarem mesmo que o horário de recreação fosse tão pouco, era bem aproveitado entre elas.

Acredito que a forma como fui introduzida na sala de aula pela professora não ajudou muito na forma de interação com os meus interlocutores, pois, ao ser apresentada como uma pessoa que estava lá para acompanhar seus comportamentos de bom aluno ou não os deixou apreensivos em suas atuações. Muitos deles pegavam em seu caderno e me olhavam para ter certeza de que estavam

sendo monitorados, então acabaram por se retrair com a minha presença na sala.

O termo que mais escutei durante esses dias de pesquisa dentro da escola Tio Patinhas foi de “Tia” e “ajudante da professora” ao menos eles guardavam uma cadeira muitas das vezes perto da porta, outras vezes, do lado da mesa da professora para que eu acompanhasse as aulas durante o período da manhã. Já pela tarde, me dispunha em sentar no meio deles visto que se reuniam em forma de círculos no próprio piso e eram mais receptivos.

2.2 Instituto CR

A pesquisa de campo no Instituto CR se deu com a ajuda da minha orientadora, na época, a professora Helena Schiel que, já mantinha sua filha nas aulas de musicalização infantil no local. Durante a pesquisa fui apresentada à professora de música Luanda, mas, não aos alunos. Apenas fui convidada a observar as aulas no primeiro momento da pesquisa.

O local realiza diversas atividades envolvendo a música e possui um público infantil de grande escala nas diversas atividades. O ensino da música envolve tanto a participação da criança quanto dos pais e assim trazendo a família para junto das atividades.

Nas primeiras aulas, as crianças atendidas pelo Instituto avistaram uma ajudante da professora, muitas delas tiveram momentos de estranhamento quanto à minha presença no local, alguns me olhavam tentando descobrir sobre quem eu era? O que eu estava fazendo ali?

Em uma das aulas fui abordada por uma criança e seu livro de histórias que tinha pegado pra ler antes mesmo de começar a aula. A criança parecia ser muito hiperativa, mesmo assim, tentou me mostrar o livro sobre a história do dragão e suas aventuras pela floresta com dramatizações de movimentos realizados pelo animal.

Uma vez ou outra, uma dessas crianças me olhava diferente, sorriam, mas estavam sempre atentas às aulas onde os assuntos principais se deleitavam nas notas musicais e os compositores mais influentes. Muitas dessas notas e fotos desses compositores decoram a sala onde ocorre as aulas.

Ao adentrar na sala, a parede do seu lado direito constava pedaços de papéis

grudados em que notas musicais eram acompanhadas de desenhos diversos para melhor identificá-las. Sempre em ordem crescente, então você tinha a imagem de um doce para identificar a nota DÓ, um relógio de parede para a nota RÉ, o gatinho mingau personagem de um desenho animado e gibi indicando a nota MI, a fada Sininho para a nota FÁ, um lindo sol com seus óculos escuros para a nota SOL, um lápis de cor vermelho para a nota LÁ, e um sino para a nota de SI.

Temos também nosso amigo burrinho tocando seu trombone, abaixo dela estão fotos de dois compositores: Mozart e Beethoven. Em seguida, o elefante com sua camisa verde tocando seu piano marrom e logo mais acima está o desenho do nosso amigo tigre e sua bateria de cor azul e amarela.

Uma bancada onde são colocados pertences das crianças atendidas pela professora de música Luanda, em sua maioria é bonecas levadas pelas meninas para que possam ser suas telespectadoras. Além de um pequeno armário de cor amarela que serve como depósito de travesseiros de cor branca e os chinelos das crianças.

Ainda do mesmo lado da parede tem uma pequena estante com livros infantis para serem utilizados pelos pequenos durante os intervalos das aulas. Há também mesas e cadeiras que são usadas para o momento pintura. Já ao lado direito da porta de entrada, da sala de aula, somos recebidos pelo nosso amigo urso saxofonista.

Sobre o piso são colocados tatames coloridos para que as crianças se sintam acolhidas e possam explorar o ambiente.

A pesquisa na escola teve duração de quatro meses, com início no mês de novembro de 2018 e término em fevereiro de 2019. As aulas de musicalização no Instituto CR são de cunho extracurricular e a participação de crianças nesse lugar é de grande movimentação e interesse.

2.3 Levittas

A escola de música Levittas que atua na cidade de Santarém/PA é mantida pela Igreja Assembleia de Deus, mas, atende todos os públicos interessados em aprender algum instrumento musical. Muitos dos alunos são direcionados a compor a banda da igreja no final de sua aprendizagem.

Meu primeiro dia no local fui recepcionada pela secretária da escola, que me conduziu até a sala onde estavam sendo realizadas as aulas de musicalização. Pela

parte da manhã eram atendidas apenas duas crianças com aulas de piano e uma com musicalização infantil. Já pela parte da tarde o público era um pouco maior e o ensino era direcionado ao instrumento de sopro (flauta).

Devido ao déficit de crianças nas aulas de musicalização não obtive muitos dados para a realização da pesquisa no local, então tive que ficar apenas um mês tentando acompanhar as aulas que muitas vezes não tinha por que as crianças não compareciam.

2.4 Escola de Artes Professor Emir Hermes Bermeguy

A Escola de Artes Professor Emir Hermes Bermeguy encontra-se localizada na Rua Hortência, com Alameda 3, no bairro periférico Jardim Santarém, na cidade de Santarém-PA. Foi fundada em 20 de junho de 2014 pela Prefeitura de Santarém, na época prefeito Alexandre Von e vice-prefeita Maria José Maia através da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) secretária em gestão, Irene Escher. Construída em uma área com 1.156, 8 m², com o intuito de proporcionar aos alunos das escolas municipais, de forma gratuita, atividades extraclasse que incentiva suas habilidades e seus talentos e assim estimular seus gostos pelas atividades culturais da região, além de integrar a educação às linguagens da música, dança, artes cênicas e artes plásticas.

A escola conta com três anexos: um auditório que leva o nome de Tito José Viana da Silva que assim como Emir Bermeguy ajudaram a disseminar as manifestações culturais do município. O lugar serve para realizar apresentações desenvolvidas pela escola. Conta também com salas para o ensino de artes plásticas, música, dança e teatro, além de uma maloca para reuniões.

Atualmente, a Escola de Artes Emir Hermes Bermeguy é mantida pela prefeitura da cidade de Santarém e promove diversas atividades voltadas para o ensino de Artes incluindo todas as idades. Uma dessas atividades são as aulas de musicalização infantil que acontecem duas vezes na semana no local.

Minha ida à escola se deu pela Secretaria Municipal de Educação, quando fui em busca de informações quanto ao ensino de música nas escolas municipais. Fui atendida pela diretora responsável Monique que me informou que precisaria de um documento da universidade para que eu acompanhasse as aulas.

No dia seguinte apareci na escola pela parte da manhã com o documento em mãos e apresentei junto a pessoa responsável que me direcionou para a professora de música e depois para as crianças.

Nas aulas fui convidada pelas crianças a participar dos exercícios que adiantam as aulas de musicalização e durante as aulas. Aqui a “tia” também fazia parte do vocabulário das crianças. O público era bem diversificado e as crianças eram muito participativas ao aprender música. O lugar é bem amplo e as crianças são muito receptivas.

Durante as aulas os instrumentos que eram mais usados são o teclado e alguns pedaços de madeiras para detectar sons agudos e graves, além de promover a atenção dessas crianças quanto o tipo de direcionamento que deve ser tomado.

A escola atende um público bem maior de musicalização infantil que os demais locais já vistos durante a pesquisa.

3 IMPRESSÕES ETNOGRÁFICAS - ENTRE A ESCOLA REGULAR E A PROFISSIONALIZANTE

Partindo da proposta estabelecida pelo Ministério da Educação com relação ao uso do professor polivalente e, o ensino de música voltado para a valorização folclórica e datas comemorativas. Temos três espaços onde o ensino da música para crianças na cidade de Santarém está baseado na presença do Canto Orfeônico de Villa-Lobos como estética e disciplina do corpo das crianças.

3.1 A realidade do ensino de música na escola regular

Dentro da escola regular, o Ensino da Música está ligado ao ensino da educação artística onde o perfil do professor é polivalente e tem em vista uma abordagem musical por meio do universo lúdico da infância.

No meu primeiro dia em campo, a professora Pamela distribuiu figuras compondo a estrutura de instrumentos para serem pintadas e formar sílabas com nomes dos instrumentos. Cada carteira possui uma identificação das crianças, e enquanto a professora saía da sala, as crianças ensaiavam a música que seria tocada no recital de Natal. No entanto, aproveitando a saída da professora, uma das crianças tocava sua flauta, outra coleguinha transformava a sua, em microfone e realizava a encenação de uma cantora e outra entoava as notas musicais. Esse é um dos momentos em que a criança transmite a música a partir do seu sentir, sua incorporação de sons sem a intervenção de um adulto. Com o retorno da professora, a criança foi redirecionada para o ensaio da música natalina. O tipo de invenção musical da criança foi ignorada pela professora e vista como desordem e desrespeito dentro da sala de aula.

Os parâmetros curriculares nacionais de educação artística implicam na livre expressão do aprender artístico independente do qual for sua performance, o professor precisa apenas estimular a criança para que o fazer artístico seja visto como conhecimento e aprendizagem além da formação de cidadãos.

As crianças precisam trazer para dentro das salas de aulas todo o ambiente

musical que a rodeia e o professor precisa através dessa possibilidade aprimorar as produções e interpretações por elas produzidas, dessa forma separando o fazer musical do aprender escolar para que ele se torne atraente para elas. “Composições, improvisações e interpretações são produtos da música.” (BRASIL, 2000, pg.77).

Uma questão que percebi ao investigar quantas escolas eu poderia trabalhar fazendo campo, é que a maioria das escolas tem um professor de “artes” e não de música, onde entra a figura do professor polivalente e o fazer artístico dentro das escolas direciona-se para as artes plásticas e para desenhos arquitetônicos. As aulas de educação artística onde a música está inserida não tem um papel de grande destaque no currículo escolar.

Muitos deles esqueceram o seu caderno de arte e a professora, então, começa a formar grupos para a realização da leitura dos textos sobre mosaico. Durante o período de realização de tarefas, a professora aproveitava para fazer a devolução dos cadernos de desenho, haja vista que as aulas em questão é a de educação artística e não específica de música.

Segundo BONFIM (2017, pg. 10) as normas estabelecidas para o ensino da música dentro das escolas de educação básica vinculada a disciplina de educação artística proporcionam apenas o lazer e como consequência disso, há um desinteresse da criança para o uso da música de forma profissional, fazendo desse ensino apenas uma extensão da continuidade dos estudos linguísticos.

Durante o momento em que a professora desenhava no quadro as figuras que deveriam ser refeitas por elas, uma das crianças, uma menina de 8 anos dançava e cantava uma música com o intuito de demonstrar as batidas. *TUM!, TUM!, TUM!* e movimentava seu corpo em forma de ondas para cima, para frente e para trás. A música nesse aspecto controla o corpo sobre os movimentos que deve ser feito a partir de sua estadia dentro da criança e é uma forma dela explorar o som que foi absorvido dentro da sala de aula.

Já nas aulas da turma do maternal e jardim I, no período da tarde, todas as crianças são direcionadas a uma sala única para realizar a entoação do hino nacional brasileiro e da cidade de Santarém antes do começo das suas aulas.

Figura 1 Professora com alunos entoando o hino nacional brasileiro



Fonte: Diário de campo

Para Carla Delgado Souza (2005) esse tipo de ação dentro das escolas está ligado ao Canto Orfeônico e a encenação nacional onde são valorizados o patriotismo brasileiro, a obediência aos símbolos nacionais e seus respectivos representantes, trazendo uma estética nacionalista.

Toda ação cívica é realizada de forma a consolidar uma certa performance da disciplina e da civilidade, na exaltação do Brasil. Para isso, é exigido o exercício de uma atitude extremamente formal e treinada durante a celebração de determinados símbolos culturais, como a bandeira e o hino nacional, entre outros. (Delgado Souza, 2005, p.60)

A exaltação da pátria vista como conduta social, onde só se é possível manter a moral das crianças com o ensino da música pelo Canto Orfeônico pela valorização dos símbolos da cultura nacional.

Em outro momento em que pode ser visto manifestação orfeônica, quando todas as crianças permanecem sentadas em círculo para o começo das aulas. A professora Pamela, então, apresenta durante as aulas o Ganzá, instrumento feito de manguieras e é por ela utilizado para demonstrar os sons e é apresentado às crianças como detetive dos sons. A professora demonstra a forma como ele consegue transmitir e detectar o som agudo e grave: “Quando é puxada para cima a criança faz um som agudo e permanece de pé e quando ela puxa para baixo o som é feito de forma grave e as crianças ficam de cócaras dentro da sala de aula”, depois de passar de um

por um, o instrumento é guardado e rapidamente é substituído por martelinhos pequenos em forma de flautas.

Todas as crianças assopram o instrumento ao mesmo tempo e em seguida batem com o martelinho sobre o piso da sala duas vezes e depois várias vezes acompanhando a música colocada como fundo das aulas. Uma das crianças faz a contagem de batidas nos dedos, e outra vira em minha direção e começa a assoprar o pequeno martelo com bastante força. Ao terminar, os instrumentos vão passando de mão em mão até chegar na última criança e ser colocado dentro da mala de instrumentos utilizada pela professora.

Carla Delgado (2005) menciona que esse momento faz parte das principais metodologias criadas por Villa-Lobos para o ensino da música dentro das escolas, pois a "consciência do som" é parte fundamental para que a criança conheça e identifique o som através da emissão da respiração e consiga acompanhar as notas sem precisar da partitura, somente sua técnica auditiva.

O momento em que o martelo é substituído pelo pano azul e todos pegam em uma parte dele e assim vão formando ondas como se aquele pedaço de pano fosse um rio e o peixinho que estava no centro tinha a missão de não sair do pequeno rio azul. As crianças balançam o pano ao mesmo tempo que cantam a música do peixinho da maré, uns balançavam com tanta força, outras nem tanto. Em seguida a aula termina com mais uma música de despedida

“tchau, tchau a aulinha terminou, contente agora estou. beijinhos agora dou.”

Ao falar sobre o que eu queria fazer, sempre apareceu a música ligada ao lúdico, como se um fosse sinônimo e eu passei a procurar observar a ludicidade como uma entrada para a análise. Mas, isso só não foi suficiente, mesmo aparecendo nas falas das professoras que conversei como se o aprender musical estivesse interligado a ludicidade, ao que possa ser considerado pela criança como uma diversão e não como forma de aprendizagem, conforme a definição de Johan Huizinga (2000) que acredita que a atividade musical possui um caráter essencialmente lúdico e isso faz com que ele seja aceito mesmo sem sua explicitação.

Conforme a faixa etária vai mudando, as formas de ensinar e o aprender musical também vão se modificando. A próxima aula que descrevo é para crianças de 7 a 9 anos de idade, em que o ensino de música se dá pela transmissão de notas

musicais onde as crianças aprendem a tocar um instrumento, nesse caso a flauta é o instrumento mais utilizado, haja vista que a faixa etária se encaminha para o fazer musical profissionalizante, onde as crianças disponibilizam seus dons para com a música de forma mais ampla.

As aulas para a turma do 3º Ano também são realizadas em formato de círculo, mas cada um em suas carteiras e com seus respectivos instrumentos de sopro. A partir dessa série é possível a leitura de notas musicais pelos alunos.

Durante as aulas de música cada criança possui seu próprio instrumento de sopro e, quando elas esquecem fazem o acompanhamento no caderno pelas notas musicais apenas sem interferirem na entonação da música pelos demais através das flautas. Muitas das músicas por eles tocadas são direcionadas a uma data comemorativa especificamente, pois eles vão aprendendo a tocar para serem apreciados por uma plateia apenas no final do período letivo da escola. Por acaso, em dezembro de 2018, durante a minha pesquisa na escola não houve apresentação dos alunos no período natalino e finalização do semestre escolar por ausência da professora.

Ao mesmo tempo em que as crianças tocavam com o martelo sobre a mesa 1,2,3,4 cantavam “*pão, bolo, chocolate*”. Enquanto a professora bate o martelo na mesa todas repetiam bolo, e em seguida, ela bate novamente e sem terminar o som todos gritam chocolate sem mesmo saber qual era a palavra usada.

‘Bolo, bolo, pão’

“bolo,bolo,bolo, chocolate”

“pão, pão, pão, chocolate”

“pão, pão, pão, pão”.

As aulas de música dentro desse espaço são tão rápidas que as crianças não veem nada além de um momento de recreação entre as disciplinas onde o brincar se torna mais presente do que a pausa entre as aulas. A música pode contribuir, tornando o ambiente escolar mais agradável, ajudando na socialização das crianças com seu grupo, podendo ainda ser usada para relaxar os alunos depois de atividades físicas.

Acredita se que a música é também um importante facilitador no desenvolvimento de outras linguagens, por seu poder criador e libertador torna-se um poderoso recurso educativo a ser usado na pré-escola. A música representa uma fonte

de estímulos, equilíbrio e felicidade para a criança. Saviani (2003) ver a arte musical com grande valor educativo.

[...] a música é um tipo de arte com imenso potencial educativo já que, a par de manifestações estéticas por excelência, explicitamente ela se vincula a conhecimentos científicos ligados à física e à matemática além de exigir habilidade motora e destreza que colocam, sem dúvida, como um dos recursos mais eficazes na direção de uma educação voltada para o objetivo de se atingir o desenvolvimento integral do ser humano. (Saviani, 2003, p.40).

Com base nessa afirmação do autor compreendemos algumas propostas citadas nos tópicos anteriores, e fazemos menção à importância da música como ciência e não apenas como estratégia didática pedagógica, ainda que esta seja uma importante ferramenta no que diz respeito ao processo de ensino aprendizagem.

Na escola regular, o início das aulas de musicalização infantil não possui músicas específicas para cada parte das aulas, pois, elas são tão rápidas que a quantidade de conteúdo repassado para as crianças em uma aula só acarreta o desconforto dela com a forma de aprender música.

A música dentro do espaço regular é considerada “chata” no olhar da criança, pois, a metodologia implantada pela professora e o tempo direcionado não torna o fazer artístico atrativo para elas, sobressaindo o gosto pelas demais disciplinas.

3.2 O aprender musical nas escolas de música profissionalizante

Nesse contexto as aulas de musicalização infantil são elaboradas de acordo com as faixas etárias das crianças e as duas escolas qual tive a oportunidade de participar das aulas, ambas trabalham a educação musical específicas para o aprender instrumental onde as notas musicais são apresentadas às crianças através de desenhos e até mesmos por instrumentos improvisados pela professora de música.

Para introduzir as crianças durante as aulas são convidadas a tirarem seus sapatos e deixarem junto a porta para assim serem introduzidas ao centro da sala e se sentar nos tatames alocados no piso. São colocados em círculo cada um pegando na mão um do outro, entoando músicas de acolhimento e de posicionamento comportamental.

Podemos pensar no aprender musical dentro da escola de música

profissionalizante como uma performance ritual nos moldes de Turner (2012) onde as crianças são convidadas a deixar o mundo externo a partir do momento que tiram seus calçados do lado da porta, fora do espaço onde será realizado as aulas de música.

Entendo a performance ritual como uma fase distinta do processo social na qual os grupos se ajustam às alterações internas (se trazidos pelas pessoas ou facções dissidentes e conflitos de normas ou pelas inovações técnicas ou organizacionais), e se adaptam ao meio externo (social e cultural, assim como físico e biológico). (Turner, 2012, pg. 216).

Para o autor, a fase de separação demarca o espaço através do domínio cultural definido como “fora do tempo” em que os processos rotineiros são deixados fora do espaço ritualístico, no caso aqui apresentado, as salas de musicalização infantil onde o lazer tende a se separar do aprender musical.

Faço uma conexão da estrutura social baseada no aprender instrumental onde a música moderna sofre influência dos grandes musicistas como: Mozart, Beethoven e Vivalde e Villa-Lobos e transforma o aprender musical em separação da melodia boa, que as crianças são treinadas com instrumentos para aguçar seu poder auditivo e saber notas como *Sol, Lá, Si, Dó* e dessa forma embelezarem o fazer musical.

Tiago Pinto diz que

Instrumentos foram inventados para a realização de sonoridades diferentes, de extrema duração de volume alto, ou então com capacidade para produzirem sequências rápidas e virtuosas, expandindo assim o universo sonoro do corpo humano. (2001, pg.266)

Além de fazer parte da estética sonora também é um elemento promissor da simbologia nos estudos arqueológicos e antropológicos de determinadas sociedades, ultrapassando as pesquisas na área da Etnomusicologia do século XX.

A estética instrumental se dá pelas organizações sonoras das orquestras e conjuntos desde o século XVIII no qual são subdivididas em três seções: cordas, sopros e percussão. Ambos são apresentados para as crianças dentro da escola profissionalizante com o intuito de apresentá-los os sons que são por eles transmitidos e assim determinar o grave do agudo como beleza sonoridade e cidadão culto.

Os instrumentos usados são:

Figura 2 Alunos da escola Centro de Artes da Amazônia tocando instrumentos



Fonte: Diário de Campo

Xilofone: é um instrumento musical de percussão, de altura definida ou de som determinado. Teve sua origem no balafon, que é um instrumento africano. Teve sua aparição nas orquestras no século XIX.

Durante a aula, a priori, as crianças estavam interessadas em apenas ouvir e explorar os sons que poderiam sair do instrumento que estava sendo apresentado pela professora. Todas começam, então, tocá-lo cada um de forma diferente até serem interrompidas pela professora Luanda para serem oficialmente introduzidas para o aprender musical.

Pode se dizer que houve uma tentativa de expressão musical realizada pelas crianças individualmente no qual elas foram protagonistas, mas que são ignoradas pelas professoras de música e sendo tratadas como ruídos e desordem que desqualificam a boa música.

Figura 3 Alunos da escola Centro de Artes da Amazônia, tocando tambor



Fonte: Diário de campo

Tambor: instrumento de percussão feito de madeira e pele de animais. Instrumento que por muito tempo está ligado aos processos rituais e religiosos. Ele não é bem-visto dentro das orquestras sinfônicas por ser um instrumento que sua sonoridade é baseada na intensidade do movimento do corpo¹.

Figura 4 Alunos da escola Centro de Artes d Amazônia tocando pandeiro



Fonte: diário de campo

¹ Conforme (Música Brasilis). Acesso: <https://musicabrasilis.org.br/sobre-musica-brasilis>

Pandeiro: tem função intermediária completando a estrutura sonora com os ataques à pele, mas principalmente com os sons das platinelas que evidenciam a sonoridade aguda, conforme Queiroz (2012, p.153).

3.3 O ensino de musicalização infantil na instituição pública

A única instituição de ensino da rede pública é a escola de arte Professor Emir Hermes Bemerguy. Um dado que me chamou atenção foi que todas as crianças chegavam sempre adiantadas para as aulas, somando um total de 11 alunos, em sua maioria sendo meninos.

As aulas começam sempre com uma música introdutória de preparação tanto do corpo físico quanto de suas vozes, para assim entrar de vez nas aulas de música. No meu primeiro dia, na sala de aula, me deparei com todos entoando junto com a professora a música das caveiras, muito conhecida por todos ali presentes, pois, é um musical infantil midiático. Permaneciam sentados até a ordem da professora que tinha sua caixa de som que era um instrumento infalível na hora de acalmar seus alunos quando seus comportamentos “saíam do controle”, entendido por ela. Enquanto ouviam a música todos iam se levantando junto com a professora e realizando movimentos de relaxamento do corpo, como: levantando os braços, trazendo-os para frente e movimentando-os de forma circular para que fiquem bem relaxados.

Em uma das aulas, a professora Bianca Meirelles colocou apenas o som instrumental para que as crianças pudessem identificar o filme e assim perceber que tipo de música fazia parte do seu cotidiano, mas, muitas delas não eram do perfil infantil e sim da música midiática popular e do conhecimento da professora. As aulas dentro da escola de Artes são direcionadas ao aprendizado musical, onde as crianças são direcionadas para uma aula baseada nas músicas para serem reapresentadas para o público através das cantatas de Natal e apresentações durante os aniversários da cidade de Santarém.

A musicalização infantil está alocada para o cantar de músicas regionais e nacionais que durante apresentações de recitais são direcionados a casa de cultura da cidade de Santarém para serem aplaudidos pela plateia santarena em geral e assim mostrar o resultado dos trabalhos anuais realizados pela secretaria da educação do município.

4 APRENDENDO COM AS CRIANÇAS - AGÊNCIA, CORPOREIDADE E DISCIPLINARIZAÇÃO

A história da antropologia como disciplina nos informa poucos estudos em que a criança seja tema central, porém, num tempo recente, isso vem mudando, os estudos sobre a infância abriu possibilidades da realização de novas pesquisas no campo da cultura. Por outro lado, a contribuição histórica da antropologia para o estudo da infância não é apenas conceitual e de objeto, mas também, metodológica.

Para COHN (2005) a antropologia reconhece o quanto os estudos com crianças ainda são desafiadores, pois, nem sempre são reconhecidas como objeto e sujeitos ativos das pesquisas. A ideia criada sobre a criança em que ela é fruto da mimese adultocêntrica tem uma vasta contribuição para que esse conceito seja implantado ainda mais dentro das pesquisas de determinadas áreas do conhecimento. A autora coloca ênfase na pesquisa realizada por Margaret Mead, com os adolescentes de Samoa em que ela afirma quanto as crianças estão presentes em toda parte e podem ser estudadas de acordo com suas vivências e experiências e temos que entendê-las de acordo com seus contextos socioculturais, levando em consideração que elas são sujeitos ativos nas relações sociais recriando papéis a todo momento. Cohn, concebe a criança como atuante, tendo,

[...] um papel ativo na constituição das relações sociais em que se engaja, não sendo, portanto, passiva na incorporação de papéis e comportamentos sociais. Reconhecê-lo é assumir que ela não é um “adulto em miniatura”, ou alguém que treina para a vida adulta. É entender que, onde quer que esteja, ela interage ativamente com os adultos e as outras crianças, com o mundo, sendo parte importante na consolidação dos papéis que assume e de suas relações. (Cohn, 2005, p.28).

A criança é produtora de cultura e não está baseada unicamente no sistema de mimese.

Ângela Nunes (2003, p.21) “reconhece a importância do papel das crianças como agentes na reprodução de suas próprias categorias sociais e da dinâmica social que a todos atinge”. Mais adiante, Nunes ainda chama atenção que elas não só captam saber, como também o elaboram, e, mais do que isso, o transformam e redistribuem torna-se mais do que evidente que estas participam activa e criativamente na construção e transmissão de um conhecimento que é importante para todos. (p. 36).

Massumi Guibu (2018) acredita que a antropologia das infâncias pode trazer

novos parâmetros que nos permitam pensar em formas de relacionamentos entre o adulto e a criança dentro das instituições sociais, fazendo com que as mediações diretas com o cotidiano poderão formular diversas articulações de envolvimento entre eles e isso possa ajudar o adulto a manter um novo olhar com uma observação mais aprofundada quanto ao comportamento e as articulações infantis dentro dessas instituições.

4.1 Música e corporeidade

Não podemos falar de Música sem mencionar a sua ligação com a corporeidade, neste caso, com os das crianças. A música e a dança são parceiras nessa jornada, pois, a musicalidade vai além do ritmo, é um buscar da compreensão relacionando-se com a melodia transmitida com as vozes, com os instrumentos, com as variações de intensidade.

Atualmente de maneira geral estamos priorizando os conhecimentos relacionados ao desenvolvimento do raciocínio, do conhecimento lógico- matemático, da leitura e escrita, estritamente relacionadas à parte racional, como se a criança fosse composta apenas de cérebro, não tivesse corpo, sentimentos e não necessitasse de outros tipos de linguagens e ou formas de expressão, para serem trabalhadas. Isso é decorrência de uma dicotomização do conhecimento, que acaba sendo dividido em dois: o racional e o corporal, no qual prioriza-se o primeiro.

Ao trabalhar música e dança em parceria é importante a variedade de meios capazes de ampliar novas possibilidades de expressões. Através da música e da dança é possível formular brincadeiras, nas quais os alunos possam experimentar todos os tipos de combinações e permutas de formas corporais, sociais e de pensamentos. A criança liberta-se de restrições arbitrárias e expande o próprio campo de ação.

Conforme Bona (2011) para Carl Orff (1895-1981) a música é uma integração de elementos da linguagem falada, como ritmo, movimento, a canção e a dança. Tudo acontece em volta da improvisação, do instinto das crianças em criar suas próprias melodias além de explorar sua imaginação, se tornando sempre participantes e não apenas ouvintes.

A educação musical vinculada a brincadeiras de crianças faz com que

descubra a alegria através da exploração do seu próprio corpo com qualidade de movimentos que se transformarão em experiências. Uma reflexão que podemos fazer é da produção dessas experiências musicais no corpo como forma de relações, sejam elas sociais quanto culturais.

4.2 Moldando os corpos x resistindo aos mandos

“Chegou a hora de dizer bom dia! Dizer bom dia!
Dizer bom dia!
Olhe para o lado e cumprimenta o amigo.
Olhe para o outro e também vou cumprimentar.
Oi! Como vai? Bom dia! Como vai? Bom dia! Como
vai? Nossa aula já vai começar.”

“Como é bom ficar esse tempinho com você. Vamos
pra frente, vamos pra trás.
Gira e vamos juntos começar. Muitas palminhas
vamos bater.
Acompanhe o ritmo, pois esse é pra valer.
Vamos pra frente. Vamos pra trás, e pula! Pula!
Pula! Vamos lá brincar. Me dê a mão vamos girar.
Gira a roda gira e vai parar.
Vamos pra frente. Vamos pra trás. E senta, senta,
senta. Vamos começar.”

Trago para pensar as músicas utilizadas pela professora Luanda Virgolino para manter a concentração das crianças e a continuação da aula de musicalização infantil dentro do Instituto CR e com isso possamos olhar para a educação musical de crianças de 7 a 11 anos além das notas e partituras. Qual seria o objetivo da música dentro das escolas de educação infantil? A educação regular é o espaço onde as crianças expressam suas manifestações artísticas? A música se faz tão presente nas nossas vidas que nem ao menos paramos para questionar o real significado que ela traz para com as nossas vivências. Se formos ver, a música nos acompanha

desde o ventre, nos momentos de brincadeiras e até mesmo nos momentos de funeral. Para cada momento desses existem as músicas específicas.

Embora várias são as tentativas midiáticas usadas pelas escolas de educação musical para que as crianças sejam inseridas no espaço, uma delas mostra que a transformação humana e seu comportamento diante do meio social. Em vídeo-divulgação² do Instituto CR diz que “a criança inserida no ambiente musical compreende melhor a importância da colaboração, do respeito, da sua autonomia e liberdade em ser criativa e expressiva.”

Para Georges Snyders (2008), a escola precisa estimular a alegria propiciada dentro do espaço escolar para que não sejam apenas direcionados ao doutrinamento e ao trabalho da vida adulta e que essa alegria possa ser proporcionada através da música, haja vista que a escola tem o intuito de acolher as crianças e suprir suas necessidades sejam elas de alegria ou tristeza, frustrações e conquistas. A partir do momento que as crianças conseguem tirar a alegria que existe dentro da música, suas emoções são equilibradas diante do mundo exterior.

Para Gainza (2018, p. 22) “A música e o som, enquanto energia estimula o movimento interno e externo no homem, impulsionando-o a ação e promovem nele uma multiplicidade de condutas de diferentes qualidades e grau”. Para essa autora, música é a arte de expressar sentimentos. Esses sentimentos podem nos impulsionar às mais diferentes reações, seja de alegria, de persuasão à dança ou mesmo a sensações de melancolia e tristeza, entre outros.

Pode-se pensar a música para além da metodologia lúdica, tornando o aprendizado, além de prazeroso e estimulante, criativo. Com essa formulação é possível dizer em formação de cidadãos críticos e capazes de resolverem situações problemas.

As aulas de musicalização infantil dentro do instituto CR estão direcionadas para aprender notas, sons, partituras e instrumentos. A metodologia é elaborada pelo adulto e o uso de instrumentos para a estética musical mecanizada.

Durante a pesquisa dentro das escolas de música percebi que as aulas podem ser analisadas como forma de disciplinarização e amoldamento do corpo, onde as crianças são conformadas de acordo com fazer musical. Cada música que é trazida pela professora e transmitida nas aulas, o corpo da criança é direcionado para fazer

² Link: <https://fb.watch/b2K6WLih25/>

parte daquele momento, tanto dentro da sala quanto nas apresentações ao público externo.

No momento em que as crianças são direcionadas à sala para a entoação do hino nacional, estadual e municipal, percebeu-se que seu corpo é moldado para exaltar a pátria, todos de pé com braços dobrados e mãos direcionados ao peito, cabeça erguida com olhos fixados para frente. Todas elas absorvem esse momento como sendo de respeito e adoração a simbologia do patriotismo, pois, quando começa a soar as músicas pela caixa de som, automaticamente os gestos são reproduzidos pelos seus corpos.

Para a autora Carla Delgado Souza,

A postura corporal dos cantores também deveria ser extremamente cuidada durante as execuções dos hinos pátrios brasileiros. Nesse sentido, era tarefa primordial do canto orfeônico, enquanto disciplina curricular das escolas públicas brasileiras, promover a educação e o respeito para com os símbolos nacionais, que musical ou não constituíam o cerne da educação musical. (Souza, 2005, p.59)

Percebe-se que o uso da música dentro das escolas regulares faz parte de uma estética nacional como forma de organização social em que o momento patriota ocasiona um papel doutrinário e respeito educacional.

O espaço escolar está ligado não apenas com o aprender de linguagens, mas também, representação do eu patriota que tem orgulho do seu país. A disciplina como conduta através de corpos controlados, em posição de sentido preestabelecida por Villa-Lobos.

Wurning (2007) ao relatar um fato de sua vida, faz uma reflexão sobre o poder que a escola possui na vida das crianças para a inserção da moral e dos bons costumes baseado na educação arcaica do mundo adulto.

O tempo da infância era vivido intensamente na rua. Era possível brincar o tempo todo na rua, palco de nossas brincadeiras e estripulias. (...) Fora da escola, vivenciei as melhores experiências lúdicas. Não me lembro de minhas professoras perguntarem sobre as coisas que fazíamos e nem brincar com as nossas brincadeiras. A escola era um espaço de seriedade e de aprender a ler e escrever, não havia tempo para as brincadeiras, com exceção dos 15 minutos do recreio. [...] (p.276)

Johan Huizinga (2000) para que arte musicais seja vista como estética precisa ser executada perante um público e isso só é possível com o processo de repetição

das músicas tornando uma arte de massa. As elaborações de recitais e momentos comemorativos que são apresentados pelas escolas estão interligadas por essa estética, pois, as crianças são preparadas para esse momento, suas vestimentas e a forma como vão se comportar no palco.

As notas musicais são vistas como regras determinadas pelo adulto e devem ser seguidas pelas crianças de acordo com seu domínio musical e assim seguir padrões que muitas das vezes não fazem parte do seu convívio fora do espaço escolar. As crianças são vistas como objetos que são lapidados pela música “boa” e apresentadas para uma plateia quando o trabalho é considerado satisfatório pelo adulto.

Percebe-se a presença da estética musical durante os recitais elaborados pelas instituições de ensino musical, onde as crianças eram preparadas para o evento de acordo com suas apresentações musicais. Boa parte das aulas dentro da sala são para aperfeiçoamento das crianças para uma melhor dicção diante do público presente, sendo eles autoridades locais, pais e responsáveis das crianças. Dessa forma mostrar a importância das aulas de música para elas e seu desenvolvimento como pessoa de boa índole.

Então todas as crianças que realizam aulas de musicalização tanto pelo Instituto CR quanto pela Escola de Música Emir Hermes Bemerguy foram direcionadas para a Casa de Cultura onde subiram ao palco e mostraram todo o aprendizado recebido por todo ano. Para Rose Hikiji (2005) o palco é espaço de transformação e exercício de alteridade onde a intervenção social se dá através da música, além de proporcionar exibição de identidade e construção de autoimagem, ou seja, é o auge do processo pedagógico pois é a exibição do que foi aprendido, ensaiado e incorporado.

Embora a maioria das aulas dentro do instituto CR sejam direcionadas ao aprendizado instrumental, havia no final de cada aula a classificação comportamental de cada criança através de pinturas feitas pela professora em seus braços de carinhas triste quando a criança tinha um mal comportamento e carinha feliz por bom comportamento. Pois, quando o aluno não seguia as instruções da professora quanto os usos “corretos” dos instrumentos eram chamados atenção pela professora para acompanharem a música de acordo com os seus comandos.

Cohn (2013) afirma que o aprender está ligado em como as crianças absorvem o que lhe é transmitido e a forma como elas vivenciam esse aprender as coisas dentro

da sociedade no qual está inserida. Moraes (2012) mostra em sua etnografia feita em uma escola de ensino infantil que a “infância escolarizada” está ligada a doutrinação do corpo através do papel do bom e mau aluno focando apenas no processo de aprendizagem da criança. E que o momento da bagunça, sendo ela, no momento de recreação ou até mesmo dentro da sala de aula com ou sem a presença do professor é usado por elas como forma de rejeição desse processo de opressão causado pelo espaço escolar.

Embora as escolas de educação musical aplicarem em grande escala de *marketing* para a busca desse público infantil prometendo um melhor desenvolvimento pedagógico dentro do espaço, explorar todos os sons possíveis elaborados pelas crianças, percebe-se que a atuação desse público quase sempre é ignorada pelas professoras e ainda é causa da má conduta dela. A partir dessa consideração são mostradas algumas imagens produzidas pela Escola de Artes do Instituto CR no tópico seguinte que possibilitam uma melhor análise quanto o uso da comunicação iconográfica das escolas de musicalização infantil dentro do município de Santarém-PA.

5 UM OLHAR NA COMUNICAÇÃO ICONOGRÁFICA DAS ESCOLAS

Neste capítulo serão analisadas temáticas abordadas nos materiais usados como divulgação pelo Instituto CR nas suas redes sociais, para que dessa forma sejam atrativas para pais e crianças interessadas no aprender musical.

Figura 5 imagens sobre música



Fonte: Instituto CR – Centro de Artes da Amazônia

Qual seria a boa música? Aquela que somente é possível de ser apreciada através de um instrumento ou de uma orquestra?

Partindo da ideia em que cultura está ligada a produção do ser humano, a criança também é produtora desse ato, pois é em seu imaginário que ela produz uma vida no qual as relações com outras crianças estão ligadas as brincadeiras, elas também interligam a musicalidade que em muitas vezes são desconhecidas pelo adulto, a música para elas vai muito além do aprender instrumental e do que seria a música boa ou ruim. Para elas música é dança.

As músicas originárias da nossa região, por exemplo, em sua maioria estão baseadas nos efeitos da natureza, no som dos pássaros, nos lugares turísticos, na culinária e até mesmo nas emoções, pode se dizer que a música em si é uma forma de comunicação artística e que está incorporada em você independente do ensino nas escolas.

Dentro das escolas de música a vivência sociocultural das crianças é ignorada,

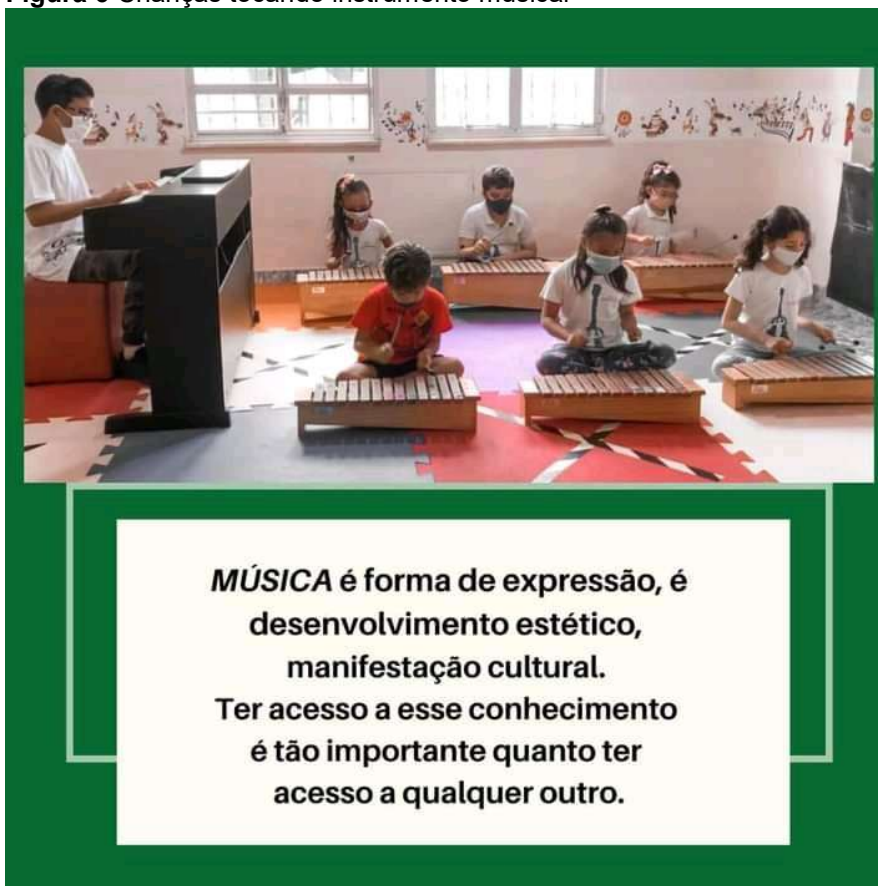
pois, as escolas e os professores não produzem metodologias de incorporação da criança como produtoras de saberes. A elas, apenas são apresentadas a “música boa” com influência da Música Clássica Erudita, aquela

em que é “formalmente mais sofisticada”. Pois, são embelezadas pelas partituras e notas musicais destelhadas pelas técnicas vocais e instrumentais.

Quando as crianças são direcionadas para as aulas de música são para que não tenham contato com música de má qualidade e quais seriam essas músicas? Além de tocar algum instrumento para que o perfil de pessoa culta e do bem seja apresentado para a sociedade em geral.

Se considerarmos as letras de música e os ritmos como fruto das relações sociais e culturais, então não existe música “boa ou ruim” e sim músicas diferentes com sinfonias, ritmos, estética e técnicas diversas e cada tipo musical expressa no corpo várias formas e sentidos que vão considerar ainda, além dessas variáveis, os contextos e as experiências e vivências de quem houve.

Figura 6 Crianças tocando instrumento musical



Fonte: Instituto CR – Centro de Artes da Amazônia

O PCN de Artes incentiva o contato das crianças com diversas culturas para um melhor desenvolvimento intelectual e aprendizado das demais disciplinas dentro da sala de aula.

A arte de cada cultura revela o modo de perceber, sentir e articular significados e valores que governam os diferentes tipos de relações entre os indivíduos na sociedade. A arte solicita a visão, escrita e demais sentidos como portas de entrada para uma compreensão mais significativa das questões sociais. (PCN, 2000, p.20)

Embora, o PCN traga as dimensões socioculturais, percebi durante o campo que apenas o desenvolvimento estético é mais visível dentro das aulas de musicalização tendo como foco as apresentações de recitais realizados pelas instituições de ensino tanto públicas quanto privadas e, mais, a estética aqui apresentada não se aplica apenas nos gostos musicais, nas produções visuais e roupas das crianças e nos comportamentos diante da plateia.

O domínio instrumental por parte da criança revela para a escola e para os pais se ela está pronta para viver em sociedade nos termos civilizatório e, assim, participar apenas de um grupo fechado de intelecto, os que conseguem ler uma partitura, além de distinguir a sonoridade de determinadas músicas.

A música como expressão de sentimentos, acredito que também não se encaixa nesse perfil de escola. Embora apareça durante uma aula na escola de música Levittas a indagação das crianças quanto o uso de notas para identificar sentimentos:

Porque tem que ter tristeza? Como
assim tristeza e alegria? Isso
parece só som alegre.
Assim parece chato. (caderno de
campo Levittas, 25/04/2019)

Assim como expressão de sentimentos, as escolas também pregam o uso do corpo como expressão musical, utilizam-se artimanhas como: batidas de palmas para identificar sons, a batida da mão aberta e fechada como comandos de notas, apresentada na imagem seguinte.

Figura 7 Crianças interagindo



Fonte: Instituto CR – Centro de Artes da Amazônia

Essa é uma tentativa tentadora para que as crianças entrem nas escolas de música, porém, percebi que esses atos, como da imagem, quando realizados pelas crianças espontaneamente são ignorados pelas professoras e, em muitos casos, essas atitudes são consideradas como indisciplina. A criança precisa permanecer sentado e escutando e executando os comandos por elas ditados. Para refletir sobre o sentido de indisciplina e disciplina, palavras muito usadas pelas professoras, significando “bagunça”, “descontrole dos alunos”, trago Michel Foucault (1999, p. 120) que afirma que a disciplina fabrica corpos submissos e exercitados. O autor vai trazer as instituições da modernidade como escolas, hospitais e prisões para refletir sobre a disciplinarização dos corpos, transformando a violência explícita praticada na idade média em dispositivos de práticas sutis e úteis de controles, com técnicas minuciosas, mas com grande efeito no tempo prolongado, definindo modo de investimento político e detalhado do corpo, uma nova “microfísica” do poder. Essas estratégias continuam ganhando campos cada vez mais vastos, como se tendessem a cobrir o corpo social inteiro.

Durante a aula de musicalização na escola de artes Emir Bemerguy em que a

professora mantinha as crianças sentadas a sua frente e com bastões distribuídos, entre elas tentava repassar para os pequenos a batida da música “O meu chapéu tem três pontas”, a cada número de batidas que as crianças reproduziam condizia com uma frase da música, mas em meio a aula havia o Roberto, de 06 anos, que realizava batidas de cunho forte entre os bastões totalmente inconsistente com as instruções da professora, fazendo com que fosse repreendido pela mesma para que prestasse atenção ao que estava sendo repassado no momento da aula.

Foi possível notar que este aluno estava reproduzindo as mesmas quantidades de batidas só que no ritmo diferente da repassada pela professora, ou seja, Roberto estava apenas explorando novos sons expressado na música pelo seu corpo, pela vontade de bater os bastões com mais tonalidade um sobre o outro, mas que para o contexto escolar é considerado indisciplina do aluno. Percebe-se que as tentativas de apropriação das escolas para a busca pelas crianças não condizem com o que por elas são aplicadas durante as aulas.

Embora a música esteja diariamente em nosso meio de diversas formas, a busca por uma educação musical dentro das escolas tanto regular quanto parte de atividades externas nos permite uma análise quanto o processo do aprender musical das crianças e sua função dentro da organização social a qual faz parte.

Os projetos sociais dentro da cidade de Santarém vêm sendo uma saída de profissionalização para os alunos formados pela Universidade Estadual do Pará (UEPA), pois, a música cumpre um papel político importante de revalorização social, porém, o profissional da área sofre com a desvalorização por parte dos órgãos públicos, não incorporando dentro das escolas os professores de música.

O uso do professor polivalente dentro das escolas de educação regular é um dos grandes impasses para a implantação da Lei nº 11.769 de 2008 que altera a LDB de 1996, onde a música se tornou disciplina obrigatória na educação artística.

Esse processo de implantação da Lei nas escolas da cidade de Santarém se deu através das bandas de fanfarras como forma de valorizar o patriotismo, promover doutrina e disciplina das crianças para interagir socialmente de forma pacífica.

Embora o canto Orfeônico tenha sido substituído pela educação musical dentro das escolas, durante a pesquisa ele se mostrou bastante presente nas aulas de musicalização infantil dentro da escola de ensino regular onde a valorização das datas comemorativas e a assimilação do patriotismo ainda é parte importante do aprendizado educacional.

A valorização do patriotismo nacional é marco principal da estética musical dentro das escolas regulares da cidade de Santarém, e se faz presente através das bandas marciais onde os alunos são treinados para apresentação em público somente no mês de setembro, considerado o mês da pátria onde as fanfarras são exaltadas pela população santarena com seus estilos e coreografias que abrangem a variação musical vigente no contexto.

Quem nunca ouviu dos seus pais “na minha época eu sabia cantar todos os hinos e desenhava bandeiras dentro da escola”. Essa frase é o marco do quanto fomos por muito tempo moldados pela escola para viver numa sociedade onde o importante é valorizar o seu país e aceitar tudo que está sendo transmitido dentro das escolas pelos professores sem questionamentos. De acordo com Villa-Lobos as crianças são as principais fontes para atingir uma grande parte da população e assim formar uma sociedade de princípios morais.

Princípios morais estes que são transmitidos para crianças dentro das aulas de musicalização, onde elas são treinadas para um aprender musical que vai muito além do instrumental e profissional. Não estou falando aqui das aulas de atividades extracurriculares que são propagadas pelas escolas como forma de chamar o público infantil para o espaço, mas sim aquelas aulas em que as crianças têm seu corpo como expressão de doutrina e disciplinamento.

Dessa forma podemos perceber que o momento político que estamos vivenciado atualmente não se destaca a função da escola como lugar das crianças expressarem suas liberdades artísticas e sim um ambiente onde elas são alocadas para serem moldadas e disciplinadas, impondo uma relação dicotômica de bom e ruim, de disciplinado e indisciplinado e que a destreza se dá através das músicas, pois, a tipologia musical erudita moderna é vista como pura e nobre e as crianças são direcionadas a manter posturas corporais que representam a concepção estética e civilizatória.

A música deve ser entendida como uma linguagem. É preciso apresentar um amplo universo de sons para o aluno. Isso vai ajudá-lo a ampliar seus sentidos, não só fisiológicos como também sentidos sociais, culturais e de universos simbólicos.

Portanto, a musicalização não deve trabalhar apenas com um padrão musical alheio à realidade dos alunos, impondo-o em contraposição à vivência deles, e sim partir de um repertório musical mais conhecido por eles como ponto de partida do trabalho, sem se restringir ao mesmo e posteriormente ou, até mesmo

concomitantemente, apresentar outros estilos musicais diferentes daqueles que eles já conhecem e têm o hábito de ouvir.

Sendo assim, os alunos terão a oportunidade de conhecer e escolher um estilo musical próprio que mais se identifiquem, pois cada um tem o direito de escolher aquele que lhe seja de melhor agrado aos ouvidos, sem que aconteça a imposição de qualquer que seja o estilo musical por parte do professor.

Vivemos em uma sociedade capitalista e percebemos que a educação de crianças está se voltando quase que exclusivamente para a formação do intelecto do indivíduo e à aquisição de maior número de conhecimentos, portanto, ela não está preocupada com o trabalho dos sentimentos, afetividade, da sociabilidade, da expressão corporal (corpo e movimento), pois tudo isto é encarado como algo não objetivo e inoportuno na educação de crianças.

Constatai que a criança memoriza um repertório de canções e conta conseqüentemente com um “arquivo”, informações referentes a desenhos melódicos e rítmicos que utiliza com frequência nas canções que canta.

Tendo em vista que a Música é parte da cultura humana e a criança também faz parte dessa construção como sujeito ativo que produz cultura de acordo com meio que está inserido e não apenas um sistema de mimeses. Cabe aqui destacar a importância das pesquisas antropológicas dentro das escolas e principalmente a criança como sujeito ativo da ação, haja visto que as pesquisas com crianças têm sido levadas para além do mundo indígena e se mantido ativa nos centros urbanos em diferentes espaços e atuações.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa é resultado de uma experiência dentro de 04 Escolas de educação Musical na cidade de Santarém-PA, em que fiz o exercício de partir da descrição do trabalho realizado com as crianças e dar ênfase na aplicação da lei nº11.769 de 2008 do Ministério da Educação em levar o ensino da música para dentro das instituições de ensino através da sua inserção no ensino da Educação Artística, dando a elas a oportunidade de manter contato com as diversidades musicais que abrange a sociedade no qual está inserida, suas atuações dentro desse espaço, considerando a escola como lugar de aprendizado e também de socialização.

Os resultados da pesquisa permitiram compreender o contexto educacional da música dentro das instituições de ensino regular e profissionalizante e as formas de procedimento do trabalho desenvolvido em Santarém, bem como contribuir para uma análise, mesmo que ainda inicial, do fazer musical dentro do espaço escolar pelo diálogo com o campo antropológico que ainda precisa ser mais explorado.

Neste trabalho o olhar da criança mediante ao aprender musical dentro do espaço escolar mostra outra face desse espaço junto ao corpo infantil não apenas pedagógico, mas também estético e social.

Percebi também que o papel da escola precisa incluir informações sobre a arte produzida tanto no âmbito regional quanto nacional para que o aluno tenha uma ampla possibilidade participativa de aproximação cultural artística diversificada como um campo de saber.

A falta de informação junto a Secretaria Municipal de Educação de Santarém sobre escolas que pudessem proporcionar a educação musical dentro de seus espaços nos proporciona um olhar conturbado de falta de política pública definida para a inserção de professores de música formados pela Universidade Estadual do Pará retirando de cena o professor polivalente, pois essa categoria desgasta e desvaloriza esses profissionais deixando-os desanimados para se manterem em escolas de cunho regular, migrando para projetos sociais e escolas profissionalizantes.

A realidade do ensino da música dentro da escola regular está ligada a disciplina de educação artística, visando uma abordagem por meio lúdico da infância, enfatizando a Canto Orfeônico de Villa-Lobos como estética e disciplinarização do corpo das crianças. O ensino musical está apenas para a valorização das datas

comemorativas e exaltação da pátria baseada na conduta social e respeito aos símbolos da cultura nacional e assim mantendo o perfil de bom cidadão e civilizatório das crianças.

A música está ligada a corporeidade das crianças, ou seja, a musicalidade vai além do ritmo, é melodia trazidas pelas vozes, pelos instrumentos em suas variadas intensidades. Quando a música é introduzida ao meio infantil sem a intervenção do professor percebe-se novas possibilidades de expressões apresentada pelas crianças, ela se liberta de restrições e expande o próprio campo de ação, descobrindo o sentimento de alegria e tristeza quanto a exploração do seu corpo, enfim, percebe-se alteridade.

As escolas profissionalizantes apresentam diversas formas de contribuição para o aprender musical, porém, enfatiza o desenvolvimento das crianças, quanto a sua conduta de boas maneiras através de imagens com palavras pedagógicas. Enquanto propaganda, a proposta promete explorar cada som e atuação da criança como forma de aprendizado, mas, na prática, esse atuar da criança é visto como ruídos e são ignorados e ocultados pelos professores, trazendo apenas a influência da música clássica no qual são moldados e disciplinados quanto ao comportamento do seu corpo diante de cada expressão apresentada no palco para uma plateia que aguarda suas atuações com tamanhas expectativas de verem cada criança transformada por saber tocar um instrumento e ouvir, cantar músicas boas. O ensino da música está ligado ao corpo através da roupa que são escolhidas, as formas como as crianças se posicionam no palco, e até nas escolhas dos repertórios.

Embora essa pesquisa traga um outro olhar com a ajuda da antropologia para além do aprender musical dentro das escolas de educação musical, espero ter proporcionado uma contribuição para vermos a criança como parte do processo de socialização e que esses pequenos sejam vistos como sujeitos de suas atuações e que possamos olhar mais atento para esses espaços não se limitando apenas ao ramo pedagógico, mas também em outras possibilidades de pesquisa.

REFERÊNCIAS

AIRÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LCT, 1981.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB Lei n.9394/96**. Brasília. DF: MEC/SEF, 2016.

BRASIL, **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. v. 3 Brasília MEC/SEF 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais /Arte** Brasília., DF: MEC/SEF, 2019.

BRASIL. **Lei n.11.769 de 18 de agosto de 2005**. Brasília. DF: MEC/SEF, 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional N° 5692**. Brasília, 2017.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação**. Brasília, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação do Ensino Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais/Arte**. Brasília, DF: MEC/SEF, 2017.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte/** Ministério da Educação: Secretária de Educação Fundamental. 3ª ed. 1997, Brasília: A secretaria, 2001. 130p. vol.06.

BONA, Melita. Carl Orff: Um compositor em cena. In ILARI, B.; MATEIRO, T. **Pedagogias em educação musical**. Curitiba: Ibplex, 2011, p.125-149.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____ Concepções de infância e infâncias: Um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. *Civitas - Revista de Ciências Sociais* [online]. V. 13, n. 2 pp. 221-244. 2013. [Acessado Fevereiro 2022], Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2013.2.15478>

DAMAZIO, R. L. **O que é criança?** São Paulo Brasiliense, 2018.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir – **Nascimento da Prisão**. Petrópolis: Ed. Vozes. 1999.

GAINZA, V. H.. **Estudos de Psicopedagogia Musical**. 3ª ed. São Paulo: Summus, 2018.

GUIBU, Massumi. Culturas de trânsito: o que as crianças trazem de suas casas para a creche e o que levam da creche para suas casas. In Friedmann, Adriana. **Escuta e observação de Crianças: processos inspiradores para educadores**. São Paulo. 2018. Pp. 16-25

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. 2005 "Etnografia da performance musical - identidade, alteridade e transformação" in: **Horizontes Antropológicos**. vol.11 no.24 Porto Alegre July/Dec. 2005.Pp.155-184.

LAGINSKI, F. **A importância da música na educação**. Disponível em <https://www.partes.com.br/2010/01/05/a-importancia-da-musica-na-educacao-infantil/>. Acesso em: 15 jan. 2020.

LOUREIRO, A.M.A. **O ensino da música na escola fundamental**. São Paulo: Papirus, 2013.

MÁRSICO.L.O. **A criança e a música: um estudo de como se processa o desenvolvimento musical da criança**. Rio de Janeiro: Globo, 2012.

MONTENEGRO, Maria Thereza Tavares. **A educação moral como parte da formação para o cuidado na educação infantil**. 199, 177 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

MORAES, Marcos Vinicius Malheiros; DAWSEY, John Cowart. **A construção da infância em uma escola pública de educação infantil da cidade de São Paulo**. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-20082012-110915/> >.

NUNES, Ângela. **"Brincando de ser Criança": Contribuições da Etnologia Indígena Brasileira à Antropologia da Infância**. Lisboa, Portugal: Departamento de Antropologia do ISCTE, 341f. Tese de doutoramento. 2003.

PINTO, Tiago de Oliveira. Som e música. Questões de uma antropologia sonora. **Revista de Antropologia** [online]. 2001, v. 44, n.1 [Acessado fevereiro 2022], pp.222-286.

QUEIROZ, L.R.S.; MARINHO, V. M. Práticas para o ensino da música nas escolas de educação básica. **Revista da ABEM**. Porto Alegre, v.1, n.1, p.160- 175, outubro de 2019.

SCHERER. Cleudet de Assis. **Musicalização e Desenvolvimento Infantil: um estudo com crianças de três a cinco anos**. Maringá, 2010 Disponível em: <http://musicanaeducacaoinfantil.blog.terra.com.br/>. Acesso em: 22 de ago.2020.

SNYDERS, Georges. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** São Paulo: Cortez, 1992.

SOBREIRA, S. Reflexões sobre a obrigatoriedade da música na escola pública. Anais... **Revista da Abem**, Porto Alegre, v.20, p.42-52, setembro de 2018.

SOUZA, Carla Delgado. **A Música como Processo Civilizador: Heitor Villa-Lobos e o Canto Orfeônico** (1920-1945). Anais do II Encontro da Associação Brasileira de Etnomusicologia. pp..78-89, 2004.

TURNER, Victor. 2012. "Do Liminal ao Liminoide. Em brincadeira, fluxo e ritual. Um ensaio de simbologia comparativa" in: **Revista Mediações**. Londrina, V 7 n 2. Pp.214-257.

WITTMANN, Luisa Tombini. **Flautas e maracás: música nas aldeias jesuíticas da América Portuguesa (séculos XVI e XVII)**. Tese de doutorado em História Social. Campinas, SP. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. 2011

WÜRDIG, W.C. **O lugar do brincar na infância**. In PEREZ, L.M.V. (ORG.) PELÓTAS. UFPEL.2004.